

O uso do pronome feminino enquanto marca identitária de um grupo gay de Belém do Pará

The use of the female pronoun as an identity mark
of a gay group from Belém do Pará

Suely Claudia Lobato Maciel¹
Dircel Aparecida Kailer²

Resumo: Pesquisas sociolinguísticas de Terceira Onda (Eckert, 2005) no Brasil ainda são relativamente recentes. Alguns autores passaram a se debruçar sobre a variação linguística enquanto marca identitária de sujeitos/agentes dentro de comunidades de prática. Nessa perspectiva, o presente estudo investiga a variação no uso de *ele/ela* por homens *cis* autodeclarados gays. Durante a observação participativa realizada na ONG Arte pela Vida, percebemos que os sujeitos participantes dessa comunidade usam, dentro da própria comunidade, variavelmente *ele/ela* para se referirem aos seus pares, ou seja, outros homens *cis* autodeclarados gays. Essa variação chamou nossa atenção e, por isso, foi escolhida como objeto de análise para este trabalho. Alguns estudos (Mendes, 2012; Santana, 2018; Ribeiro, 2021), que embasam teoricamente esta pesquisa, apresentam a importância da relação entre gênero e linguagem, especialmente no que diz respeito à variação linguística e à construção de identidades homossexuais. Após nossa análise, observamos que a utilização de *ela* para designar pessoas *cis* do sexo masculino acontece: a) quando há somente voluntários da ONG; b) quando as reuniões são informais; e c) entre pessoas pertencentes ao mesmo grupo anteriormente identificado neste texto. Observou-se, também, que seu emprego não é usual por pessoas que não sejam identificadas da mesma forma.

Palavras-chave: Terceira Onda da Sociolinguística. Identidade. Comunidade de Prática. Gênero.

Abstract: Third-wave sociolinguistic research (Eckert, 2005) in Brazil is still relatively recent. Some authors began to focus on linguistic variation as an identity mark of subjects/agents within communities of practice. From this perspective, the present study investigates the variation in the use of he/she by self-declared gay cis men. During the participatory observation carried out at the NGO Arte pela Vida, we noticed that the subjects participating in this community, within the community itself, variably use he/she to refer to their peers, that is, other self-declared gay cis men. This variation caught our attention and, therefore, was chosen as the object of analysis for this work. Some studies (Mendes, 2012; Santana, 2018; Ribeiro, 2021), which theoretically support this research, present the importance of the relationship between gender and language, especially with regard to linguistic variation and the construction of homosexual identities. After our analysis, we observed that the use of it to designate cis male people happens: a) when there are only volunteers from the NGO; b) when meetings are informal; and c) between people belonging to the same group previously identified in this text. It was also observed that its use is unusual for people who are not identified in the same way.

Keywords: Third Wave of Sociolinguistic. Identity. Community of Practice. Gender.

¹ Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Londrina, PR, Brasil. Endereço eletrônico: suely.claudia.lobato@uel.br.

² Universidade Estadual de Londrina, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Londrina, PR, Brasil. Endereço eletrônico: dikailer@uel.br.

Introdução

Este artigo foi desenvolvido, a partir de resultados preliminares de nossa pesquisa de doutoramento, à luz da Terceira Onda da Sociolinguística Variacionista (Eckert, 2005), vertente dos estudos sociolinguísticos que ganhou visibilidade com os trabalhos da linguista estadunidense Penélope Eckert, no princípio dos anos 2000.

A partir das pesquisas da autora, a Sociolinguística ganha um novo olhar para a variação. O interesse não mais se restringe ao estudo de comunidades de fala, compreendidas como um grupo de pessoas que compartilham as mesmas normas subjetivas em relação a uma língua ou variedade linguística (Labov, 2008[1972]), mas se atém às identidades assumidas pelos sujeitos dentro de comunidades de práticas, consideradas como “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum” (Eckert; McConnel-Ginet, 2010, p. 102) e aos estilos dos quais revestem sua agentividade linguística. O foco do estudo, então, muda das macrocategorias sociais, como sexo, idade e escolaridade, para o significado social da variação e seu papel na construção de estilos.

É pautado na visão defendida pela Terceira Onda da Sociolinguística que este estudo buscou analisar a variação presente nas falas de integrantes da ONG Arte pela Vida, a partir de pesquisa etnográfica³, que, segundo Severino (2007, p. 119), “visa compreender, na sua cotidianidade, os processos do dia-a-dia (*sic*) em suas diversas modalidades. Trata-se de um mergulho no microsocial, olhando com uma lente de aumento”. Mainardes (2009, p. 102) corrobora o postulado por Severino ao afirmar que a pesquisa etnográfica é empregada para “compreender aspectos da cultura dos participantes, suas visões de mundo e práticas sociais e culturais (aspectos internos de um determinado grupo) e demanda observações prolongadas”.

Com o objetivo inicial de investigar se as identidades assumidas pelos membros da ONG, em diferentes situações de interação, e os estilos dos quais revestem sua linguagem influenciam nas variedades linguísticas por eles utilizadas, gravamos suas falas em situações diversas, como reuniões para atender às demandas das pessoas ali atendidas, montagem e preparação de eventos, palestras ministradas em diferentes espaços e encontros descontraídos na loja sustentável Arte pela Vida⁴.

A partir da transcrição e análise dessas gravações, verificamos que participantes dessa comunidade, especificamente homens *cis* autodeclarados gays, variam o uso do gênero do pronome pessoal reto para se referirem aos seus pares, ou seja, outros homens

³ Aprovado pelo Comitê de Ética pelo processo número 60545822.1.0000.523.

⁴ Organização que trabalha em prol de pessoas que vivem e convivem com HIV/AIDS no estado do Pará.

cis autodeclarados gays. Essa variação chamou nossa atenção e foi escolhida como objeto de análise desta pesquisa.

Nossa hipótese é de que os participantes alternam o uso do feminino a depender da identidade que assumem dentro da comunidade de prática. Ou seja, a variação é um recurso na construção das identidades.

[...] a atual agenda dos estudos sociolinguísticos contempla uma mudança que vai de (i) uma visão estática de identidade social para uma visão que privilegie as dinâmicas da identidade social e (ii) de um foco na linguagem concebida como uma forma de comportamento para o foco na linguagem como um lugar onde os sentidos sociais são encenados discursivamente. (Bentes, 2009, p. 123)

Embora alguns estudos (Mendes, 2012; Santana, 2018; Schwindt, 2020; Ribeiro, 2021; entre outros) apresentem a importância da relação entre gênero e o significado social da linguagem, pensar a variação enquanto um mecanismo produtor de estilos representativos das identidades assumidas pelos sujeitos nas interações sociais das quais participam, tal qual exposto por Bentes (2009), ainda é uma abordagem relativamente novo nos estudos linguísticos brasileiros. Por essa razão, consideramos que este trabalho trará importantes contribuições para as pesquisas sociolinguísticas de “Terceira Onda”, bem como para aquelas que tratam das questões de linguagem, identidade e gênero.

Fundamentação teórica

As teorias aqui apresentadas servem de base para a realização do presente estudo, direcionando as investigações, a forma de coleta e a análise dos dados coletados.

A Sociolinguística Variacionista

Várias teorias linguísticas do século XX deixaram de considerar a possibilidade de um estudo empírico sobre as mudanças linguísticas. Segundo Labov (2008 [1972]), principal representante da Sociolinguística Variacionista, o fato de a variação livre não poder ser, em princípio, condicionada era a principal restrição à implementação de tal estudo.

A Sociolinguística surge, então, para questionar e propor um novo olhar sobre a estrutura das línguas, principalmente no que tange à variação, pois é fato entre seus estudiosos que a língua é um evento social, que varia e se adequa às situações e contextos de produção aos quais os falantes se encontram inseridos.

Segundo Maciel (2018, p. 24), “A Sociolinguística Variacionista Laboviana concebe uma língua heterogeneamente estruturada, com regras categóricas (que não variam no seio da comunidade de fala) ocorrendo paralelamente a regras variáveis (que podem mudar de falante para falante)”. Enquanto para o estruturalismo saussuriano a variação linguística só

poderia ser admitida em uma visão diacrônica (Saussure, 1975 [1962]), para Labov (2008 [1972]), é possível percebê-la a partir de um estudo sincrônico pois,

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (Labov, 2008[1972], p. 21)

Autores como Monteiro (2000), Garrão Neto (2009) e Mollica (2012), entre outros, corroboram o pensamento laboviano e vêm desenvolvendo estudos voltados à variação, destacando a intrínseca relação entre a língua e os aspectos sociais que a circundam. Afirmam, assim como Brito (2017), que “Há também que se considerar o fato de que uma língua deve ser entendida como o instrumento cultural e meio de interação social, resultante da ação e interação de sujeitos, mudando com o passar dos tempos e com o contexto.” (Brito, 2017, p. 140).

As três ondas da Sociolinguística

Para que se possa compreender a vertente sociolinguística denominada de “Terceira Onda”, é preciso conhecer como os estudiosos concebem a divisão da Sociolinguística em “ondas”, as quais não se excluem, mas se complementam em uma análise mais ampla do que seja a variação linguística. Alguns pesquisadores no Brasil (Bentes, 2009; Hora; Wetzels, 2011; Veloso, 2014; Oushiro, 2015, 2019; Mendes, 2017; Lacerda; Görski; Paza, 2022, entre outros) vêm apresentando essa divisão em seus trabalhos. Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 920), por exemplo, assim definem, baseados em Eckert (2012), em que consiste a chamada “primeira onda da sociolinguística”.

A primeira onda estabeleceu uma base sólida para o estudo da variação, evidenciando as correlações entre variáveis linguísticas e categorias sociais primárias, como classe econômica, sexo, idade, escolaridade etc. [...] A premissa dos estudos de primeira onda é, pois, que as variedades linguísticas carregam o status social de seus falantes. A metodologia dos estudos de primeira onda é calcada na correlação entre as variáveis linguísticas e as categorias socioeconômicas em sentido amplo (cuja classificação se dá de forma estável, homogênea e padronizada de modo a permitir a replicação, como faixa etária, sexo, etnicidade, escolaridade), com a estratificação dos falantes em células sociais, a constituição de bancos de dados linguísticos e resultados quantitativos refinados [...] (Freitag; Martins; Tavares, 2012, p. 920).

Os estudos de “segunda onda” apresentam uma metodologia muito parecida com a utilizada na primeira no que tange a sua natureza quantitativa. Contudo, sua atenção maior é o valor local assumido pelo vernáculo (Freitag; Martins; Tavares, 2012). De acordo com

Veloso (2014, p. 4), “A segunda onda caracteriza-se pelas pesquisas de cunho etnográfico, que fornecem um retrato local das variáveis linguísticas, no sentido em que estas, situadas em comunidades menores, assumem valor social relativo à dinâmica local”. Ou seja, esse tipo de estudo demonstra que variantes estigmatizadas em um nível geral podem assumir valores positivos em sua comunidade local.

Já a “Terceira Onda” combina “os postulados dos estudos de primeira e de segunda onda com uma mudança no foco: da comunidade de fala para a comunidade de prática” (Freitag; Martins; Tavares, 2012, p. 922). Ou, conforme postula Veloso (2014, p. 2):

[...] as pesquisas sociolinguísticas da Terceira Onda vão buscar entender a variação considerando os papéis e as atividades que o indivíduo desempenha nas suas relações sociais, no âmbito das comunidades de práticas, procurando analisar o estilo como um fator que contribui efetivamente para a construção do significado social da variação.

Percebe-se, portanto, que o enfoque dado pela Terceira Onda dos estudos sociolinguísticos recai na variação a partir das identidades construídas pelos sujeitos na interação e dos estilos dos quais revestem sua agentividade linguística. Assim como muitas são as identidades dos sujeitos, dependendo do seu papel nas comunidades de prática em que atua, assim também são os estilos, que alternam as variáveis linguísticas em diferentes graus, dependendo do contexto social e das temáticas abordadas (Veloso, 2014).

Segundo Mendes (2017, p. 106), não há uma onda ou perspectiva melhor do que a outra, elas se complementam e devem ser utilizadas em conjunto, uma vez que “[...] com os conhecimentos adquiridos a partir de diferentes perspectivas (a macrossociológica, a etnográfica e a estilística), pode-se dar conta melhor do complexo fenômeno da variação linguística”.

Alguns conceitos importantes

Para que se possa melhor compreender o que seja a Terceira Onda da Sociolinguística Variacionista, bem como a relação entre gênero, identidade e linguagem, bases dos estudos por nós empreendidos, é necessário conhecer alguns conceitos usados pelas teorias fundamentam a presente pesquisa.

Comunidade de fala e comunidade de prática

Os estudos sociolinguísticos de primeira onda elegeram a comunidade de fala como o *locus* de suas pesquisas. De acordo com Labov (2008[1972]), a comunidade de fala é aquela que compartilha normas e “atitudes” sociais perante uma língua ou variedade linguística, seguindo uma abordagem que:

- utiliza fatores demográficos amplos como base para sua estratificação;
- procura fazer uma distribuição homogênea de suas amostras, tanto em relação ao tamanho quanto às categorias controladas;
- define *a priori* as categorias analisadas;
- padroniza a coleta de dados através da entrevista sociolinguística;
- constitui suas amostras em curto prazo.

Já os estudos sociolinguísticos de Terceira Onda elegeram como seu lugar de pesquisa as comunidades de práticas, definidas por Eckert e McConnell-Ginet (2010, p. 102) como “um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum”, ou seja, trata-se de uma comunidade que desenvolve maneiras de fazer coisas-práticas, e que segue uma abordagem que:

- utiliza valores localmente estabelecidos como base para sua estratificação;
- procura fazer uma distribuição variável, definida caso a caso;
- define *a posteriori* as categorias analisadas;
- utiliza a coleta etnográfica, com observação participante ou interações entre grupos, por exemplo;
- constitui suas amostras a longo prazo.

Estilo

Veloso (2014, p. 02) afirma que “O estilo se define pelo que o falante faz com a língua levando em conta o universo social que o permeia. É, eminentemente, algo social, e como tal, encontra seu significado nas associações entre o indivíduo, sua identidade e os papéis que ele desempenha no mundo”. Mas a ideia de estilo modificou-se durante o percurso entre as três ondas da Sociolinguística.

Para os trabalhos que seguem a metodologia de primeira onda, o estilo é visto tal qual Labov (2008[1972]) o definira, baseado na automonitoração da fala, considerando o que é mais ou menos formal/prestigioso.

A perspectiva etnográfica da segunda onda, de acordo com Mendes (2017, p. 105),

[...] trouxe à vista a noção de práticas estilísticas – agora, com uma definição de estilo que já não se baseia na automonitoração da fala, cujo objetivo mais geral é ater-se ao que é amplamente estabelecido como prestigioso ou padrão, mas com base num sentido de diferenciação social, que por sua vez se define a partir de objetivos sociais locais, grupal ou individualmente atualizados a cada momento de enunciação.

Já a Terceira Onda intensifica essa noção de práticas estilísticas “e trabalha em torno da premissa de que os significados sociais das variantes linguísticas são, eles próprios variáveis – e, por conseguinte, mutáveis” (Mendes, 2017, p. 105). Eis um dos maiores desafios

para os estudos que utilizam a metodologia da Terceira Onda, identificar, a partir de elementos linguísticos e de natureza não linguística (como vestuário e cortes de cabelo, por exemplo), os significados sociais potenciais na variação. Para Irvine (2001 *apud* Mendes, 2017, p. 119), “estilos de fala envolvem as maneiras pelas quais os falantes, agentes no espaço social (e sociolinguístico), negociam suas posições e objetivos num sistema de distinções e possibilidades.”

Identidade

O conceito de identidade também sofreu mudanças ao longo do desenvolvimento das três ondas da Sociolinguística. Nos trabalhos de primeira onda, era tida como uma construção essencialista, ou seja, identidade enquanto concepção una, que representava uma categoria social, como trabalhador rural, mulher, professor etc., generalizando características que identificassem tais grupos sociais. Já nos estudos de Terceira Onda, segundo Tílio (2009, p. 112),

[...] a identidade não está ligada a ser, mas a estar, ou mais especificamente a representar. Sendo a identidade uma construção social, e não um dado, herdado biologicamente, ela se dá no âmbito da representação: a identidade representa a forma como os indivíduos se emergem e enxergam uns aos outros no mundo.

Seguindo o mesmo pensamento de Tílio (2009), Moser (2012, p. 434) afirma que a identidade é

[...] resultado de afiliações a crenças particulares e possibilidades disponíveis aos indivíduos nos contextos sociais. [...] Construída a partir dos recursos disponíveis aos sujeitos, a identidade é passível de contestação e mudança (IVANIC, 1998), porque ela é multifacetada, e se transforma à medida que a pessoa interage na sociedade sofrendo influências da mesma, em seu modo de agir, posicionar-se, pensar, inclusive, na maneira que se percebe o mundo.

Coadunando com a perspectiva acima apresentada, Oushiro (2015, p. 24) assim nos apresenta a ideia de identidade:

[...] não é um atributo pessoal tampouco uma posse, mas um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo individual e coletivo. A construção de sentidos se dá sempre dentro de uma matriz cultural e ideológica, sobre a qual o indivíduo não exerce controle.

Para a Terceira Onda, então, a identidade não é algo estático e definitivo. Ao contrário, ela, como afirma Moser (2012, p. 429),

[...] não está ligada a um 'eu' essencial e permanente, mas que, assim como a sociedade, encontra-se em um contínuo estado de fluxo. [...] Por ser construída socialmente, é vista como transitória, passível de transformação e mudança e moldada pelas relações de poder e pela percepção dos sujeitos frente ao contexto sociocultural no qual estão inseridos. [...] é na e pela linguagem que as identidades são construídas e reveladas, pois 'todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem' (BAKHTIN, 2003, p. 261), assim, além de ser um meio de interação ela nos constitui como sujeitos sociais.

Compreendemos, com base nos autores aqui referenciados, que a identidade é construída, de forma consciente ou não, que é influenciada por questões sociais e culturais, bem como por relações de poder, que é passível de transformação e diretamente relacionada ao uso da linguagem.

Gênero, Sexo e Orientação Sexual

Uma vez que o grupo por nós observado é composto, como já mencionado, por homens *cis* autodeclarados gays, julgamos ser necessário esclarecer, aqui, a diferença entre os termos gênero, sexo e orientação sexual. O uso da linguagem enquanto um ato constituinte dos sujeitos que a utilizam na formação de suas identidades torna importante tal esclarecimento, pois o indivíduo nem sempre fala da maneira como fala por ser biologicamente homem ou mulher, mas por assumir uma *persona* masculina ou feminina no momento da interação.

Para dar luz à questão mencionada, utilizaremos a fala de Ribeiro (2021, p. 310-311), para quem

É importante destacar, neste momento, as diferenciações entre sexo, gênero e orientação sexual. Segundo Lanz (2014), o termo sexo está relacionado unicamente com a biologia, com o órgão genital (macho, fêmea, intersexuado ou nulo). O termo gênero está fortemente relacionado à construção social, coincidindo com as ideias de Butler e Foucault. O termo orientação sexual diz respeito ao desejo afetivo do indivíduo. A orientação não está relacionada somente com o sexo, nem com identidade de gênero, mas tem relação unicamente com a atração física e emocional entre pessoas (homossexual ou heterossexual).

A partir das ponderações acima, podemos identificar os indivíduos que fazem parte de nossa pesquisa como sendo do sexo masculino, constituídos enquanto pessoas do gênero masculino e com orientação homossexual. Essa identificação é importante porque, na comunidade de prática, objeto de nossa investigação, dificilmente haveria a alternância ele/ela para se referir a uma mulher transgênero, por exemplo; em situações como essa, o uso do pronome feminino seria categórico em respeito à pessoa trans. E é importante, também, porque é a partir dessa identificação que voltamos nosso olhar para o objeto de análise desta

pesquisa. Ou seja, por que homens que se identificam com o gênero masculino, embora gays, variam o uso de ele/ela para se referir a seus pares?

Nossa hipótese, como mencionado anteriormente, é de que os participantes alternam o uso do feminino a depender da identidade que assumem dentro da comunidade de prática. Ou seja, a variação é um recurso na construção das identidades. Para confirmar ou negar essa hipótese, empreendemos a pesquisa detalhada na seção a seguir.

A pesquisa

Para que pudéssemos comprovar ou refutar a hipótese principal deste estudo, empreendemos a pesquisa etnográfica que ainda está em curso e que já dura quinze meses, detalhada nesta seção.

A comunidade de prática: a ONG Arte pela Vida

A comunidade de prática por nós investigada é uma ONG localizada na cidade de Belém, capital do estado do Pará, região norte do Brasil.

Acreditamos ser importante, aqui, identificar geograficamente o local onde a pesquisa foi realizada, por uma questão de pertencimento dos membros da comunidade, que muito se orgulham do local em que vivem. Contudo, coadunamos com o pensamento de Nogueira (2019) e entendemos que uma comunidade de prática não é limitada a um espaço físico, embora possa ser pensada a partir dele, podendo se deslocar ao acompanhar os membros que a constituem.

A própria ONG mudou uma vez de endereço durante o período desta pesquisa e hoje fica situada no Mercado de Carne Francisco Bolonha, localizado na tradicional feira do Ver-o-Peso.

A ONG Arte pela Vida foi criada como um comitê por artistas, jornalistas e profissionais liberais em 1996 para trabalhar pelos direitos humanos e em prol das pessoas em situação de vulnerabilidade social, que vivem e convivem com HIV/AIDS no estado do Pará. Seus coordenadores, com a ajuda de voluntários, promovem ações de prevenção em saúde, cultura e arte, eventos educacionais, projetos e assistência para essas pessoas, que tanto precisam de ajuda e visibilidade.

A ONG possui a “Loja/Brechó Sustentável Arte pela Vida” cuja arrecadação mantém as ações e os projetos de acolhimento, educação para prevenção às ISTs, oficinas, doações de cestas básicas, material de higiene pessoal, medicamentos, cadeira de rodas e banho, material escolar e limpeza, entre outros.

As bandeiras tão importantes levantadas e defendidas pela ONG (que incluem não somente o direito à vida das pessoas que convivem com HIV/AIDS, mas também das pessoas LGBTQIA+), bem como o fato de ser composta por indivíduos diversos em relação a gêneros,

credos, etnias e tudo o mais que constitui os seres humanos, nos fez escolhê-la como *locus* para o desenvolvimento deste trabalho. Esperamos ser capazes, além de contribuir com os estudos sociolinguísticos brasileiros, de auxiliar a dar voz a esses sujeitos e de levar sua luta ao maior número possível de pessoas.

Metodologia

O presente estudo apresenta-se à linha de pesquisa da Sociolinguística Variacionista, portanto utilizamos seus pressupostos teórico-metodológicos, adotando uma abordagem quantitativa/qualitativa, com foco na reflexão sobre a variação linguística no que tange às identidades assumidas pelos membros da ONG Arte pela Vida.

Por trabalhar com a variação a partir da perspectiva da construção de identidades assumidas pelos sujeitos em diferentes situações de interação e por aceitar que essas identidades são múltiplas, acolhemos, acerca da metodologia de análise, o pensamento de Oushiro (2019, p. 322), “Ao assumir que identidades sociolinguísticas são múltiplas e dinâmicas, faz-se necessário aplicar métodos variados, objetivos e replicáveis para validação das correlações entre a variação estilística, percepções e identidades”, e de Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 923):

Os estudos de Terceira Onda combinam a metodologia quantitativa, presente nas ondas anteriores, o corpora constituídos de modo a contemplar a dimensão mais cotidiana (o que não é necessariamente captado pela entrevista sociolinguística), com observações participantes, por exemplo.

Em setembro de 2022, iniciamos, após aprovação⁵ pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, nossa pesquisa etnográfica, tal qual orientado por Freitag, Martins e Tavares (2012) e por outros autores que se propuseram ao estudo do valor social da variação. É importante ressaltar que, por ser nosso primeiro trabalho seguindo uma metodologia de Terceira Onda, foi angustiante e desafiador iniciar a pesquisa sem um objeto de investigação previamente estabelecido. Mas foi, também, gratificante perceber o material do qual agora dispomos para a realização deste e de futuros trabalhos que priorizem a variação e seu papel na constituição de identidades.

Durante nossa observação, gravamos vários momentos de interação ocorridos na comunidade de prática investigada. Além desses áudios, utilizamos também vídeos de falas de membros da ONG em eventos dos quais participaram, bem como postagens de áudios e vídeos em grupos de mensagens e redes sociais do Arte pela Vida.

⁵ Especificada em nota de rodapé na introdução deste texto.

Todas as idas à ONG eram registradas, também, em nosso diário de observações, no qual pudemos anotar informações importantes que não poderiam ser percebidas através da escuta posterior das gravações, como, por exemplo, as vestimentas dos participantes, suas expressões faciais e gestos utilizados ao longo da interação.

Após a primeira análise dos dados coletados e da percepção e escolha do objeto deste estudo, já mencionado anteriormente - a variação de *ele/ela* por homens *cis* autodeclarados gays para se referirem a seus pares - nossa atenção passou a ser dirigida especialmente para os componentes desse grupo específico, sem deixar, contudo, de continuar a observar sua relação com o restante da comunidade de prática.

O significado social atribuído à variação e seu uso enquanto instrumento constituidor de identidades possuem papel primordial nos estudos da Terceira Onda da sociolinguística. Vimos, portanto, um objeto de análise que se enquadra perfeitamente nesse campo de pesquisa. Por isso, todas as falas relativas ao seu uso estão sendo transcritas e analisadas, de acordo com o exposto a seguir.

Análise

As transcrições dos áudios e vídeos gravados com nosso aparelho celular, bem como daqueles postados nos meios digitais anteriormente mencionados, estão sendo realizadas concomitantemente ao período de análise.

De modo geral, percebemos, como era esperado, uma grande quantidade de variantes linguísticas presentes na comunidade, especialmente por se tratar de um número considerável de pessoas engajadas nas ações. Dentre essas variantes, a falta de concordância de número é bastante recorrente, como nos excertos a seguir:

a) Eu quero as mesa daquele lado. (Fala ocorrida durante a organização da Feira do Empreendedorismo LGBTQIA+).

b) Gente, nós vamos começar o sorteio da rifa dos namorado. (Fala retirada de um vídeo postado nas redes sociais da ONG).

No entanto, não tomaremos tal variação como objeto de estudo porque seu significado social não está atrelado especificamente à comunidade de prática investigada. Segundo Santos (2010, p. 101), “o fenômeno de variação na concordância nominal de número no PB não está restrito a uma região ou a uma classe social específica; é característico de toda a comunidade de fala brasileira”.

O que chamou nossa atenção, conforme mencionamos anteriormente, foi a variação na utilização do gênero do pronome pessoal reto (*ele/ela*). Dentro da ONG Arte pela Vida, há um grupo de homens *cis* autodeclarados gays que, entre si, fazem uso dessa variação, conforme os excertos transcritos a seguir:

a) Olha, lá vem ela! (Fala ocorrida na chegada de um participante no início de uma reunião da coordenação da ONG).

b) Não, não, ele já tá com muita coisa pra fazê. (Fala ocorrida na mesma reunião e se referindo ao mesmo participante do excerto anterior).

c) Hum, agora ela vive aborrecida! (Fala ocorrida na loja sustentável da ONG, direcionada a um de seus membros).

d) Ele é responsável pela contabilidade da ONG há muitos anos. (Fala realizada pela mesma pessoa, ocorrida no mesmo dia e se referindo ao mesmo membro da comunidade).

A partir de nossa análise inicial, já foi possível averiguar que a utilização do feminino ocorre: a) quando há somente a presença de voluntários da ONG ou pessoas próximas a eles; b) quando as reuniões são de caráter informal ou em momentos que antecedem essas reuniões; e c) entre pessoas pertencentes ao mesmo grupo anteriormente identificado neste texto.

Destacamos que, nas observações realizadas até o momento, não foi constatada essa variação (*ele/ela*) na fala de pessoas que não sejam identificadas como homens cis autodeclarados gays, sendo, nesse caso, categórico o uso de *e/e*.

Considerações finais

Como já mencionamos, apesar de esta pesquisa ainda estar em curso, as primeiras análises nos mostraram resultados importantes. Já foi possível verificar que os sujeitos da nossa pesquisa, homens *cis* autodeclarados gays da ONG Arte pela Vida, fazem uso do pronome feminino *e/la* ao se referirem a outros homens *cis* autodeclarados gays, quando estão na presença dos voluntários da ONG e pessoas próximas, em momentos mais informais. Verificamos também que não é comum, na comunidade de prática em estudo, o uso de *e/la* por pessoas que não sejam homens gays quando se referem a outros homens *cis* autodeclarados gays.

No intuito de melhor compreender o papel do uso variável do pronome *e/e/ela* na construção da/s identidade/s desses sujeitos, objetivamos, como próximos encaminhamentos da presente pesquisa, aplicar questionários dirigidos que possam apontar a avaliação que os membros da comunidade fazem acerca do uso de tais variantes. Acreditamos que tal avaliação seja a responsável pela escolha de uma das formas concorrentes, bem como pelo não uso do pronome *e/la* por pessoas da comunidade que não sejam identificadas como as do grupo sob análise neste trabalho.

Referências

BATTISTI, E. Redes sociais, identidades e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014. p. 79-98.

BENTES, A. C. “Tudo que é sólido desmancha no ar”: sobre o problema do popular na linguagem. **Gragoatá**, Niterói, n. 27, p. 117-134, 2009.

BRITO, A. R. Atitudes Linguísticas da Comunidade Kyikatêjê no Sudeste do Estado do Pará. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 4, n. 4, p. 148-157, 2017.

CAMACHO, R. G.; SALOMÃO-CONCHALO, M. H. A variação de plural no SN como indexador de identidade. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 46-63, 2016.

ECKERT, P. Variation, convention and social meaning. In: **Paper presented at the Annual Meeting of Linguistic Society of America, Oakland, CA**, Jan. 2005.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. **Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 93-107

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, n. 41, p. 87-100, 2012.

FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de Dados Sociolinguísticos de Português Brasileiro e os Estudos de Terceira Onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.

GARRÃO NETO, E. A Sociolinguística. In: MOLLICA, M. C. (org.). **Linguagem para formação em letras, educação e fonoaudiologia**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 83-92.

HORA, D. da; WETZELS, L. A variação linguística e as restrições estilísticas. **Revista da Abralín**, v. Eletrônico, n. Especial, p.147-188. 2011.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LACERDA, M. L.; GÖRSKI, E. M.; PAZA, C. R. M. A Terceira Onda variacionista: continuidade ou descontinuidade de fases? **Revista da Abralín**, v. 21, n. 1, p. 1-27, 2022.

LISBOA, C. M. de O. M. **Doutor e outras formas de tratamento direcionados aos profissionais jurídicos**: análise de uma comunidade de prática à luz da Terceira Onda da Sociolinguística. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2015.

MACIEL, S. C. L. **O Apagamento do -R em Coda Silábica em textos escritos por alunos da EJA de Belém do Pará**: uma proposta de intervenção pedagógico-variacionista. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MAINARDES, J. Pesquisa etnográfica: elementos essenciais. In: BOURGUIGNON, J. A. **Pesquisa Social**: reflexões teóricas e metodológicas. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009. p. 99-124.

MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-124, 2012.

MENDES, R. B. A Terceira Onda da Sociolinguística. In: FIORIN, J. L. **Novos caminhos da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 103-124.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOSER, F.; DAMKE, C. A construção da identidade na e pela linguagem. **Revista Travessias**. v. 6. n. 2, p. 428-447, 2012.

NOGUEIRA, J. M. da S. **O vocativo numa comunidade de prática gay de Serra Talhada-PE: descrição e uso**. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. Tese (Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OUSHIRO, L. Conceitos de Identidade e Métodos para seu Estudo na Sociolinguística. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 63, n. Esp., p. 304-325, 2019.

RIBEIRO, A. B. O. Usos Linguísticos de um Grupo de Lésbicas e Gays: questões de identidade e estilo discutidas em entrevista dirigida. **Work. Pap. Linguíst.**, Florianópolis, n. 22 (Especial), p. 302-326, 2021.

SANTANA, W. P. da S. **Variação de Gênero Gramatical como Indexador de Identidade Gay**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SANTOS, L. S. M. Sobre a ausência de concordância nominal de número no português falado em Pedro Leopoldo/Minas Gerais: uma abordagem variacionista. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975 [1962].

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHWINDT, L. C. Sobre gênero neutro em português brasileiro e os limites do sistema linguístico. **Revista da Abralin**. v. 19, n. 1, p. 1-23, 2020.

TÍLIO, R. O jogo discursivo na vida afetiva: a construção de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: LOPES, L. P. da M. (Org.). **Discursos de identidade: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

VELOSO, R. As Três Ondas da Sociolinguística e um Estudo em Comunidades de Práticas. In: **ALFAL**, João Pessoa, 2014.

Sobre as autoras

Suely Cláudia Lobato Maciel

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6050-7944>

Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA); especialista em Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa, pela mesma universidade; mestra em Mestrado Profissional em Letras, pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); doutoranda em Estudos da Linguagem, pela mesma universidade. É professora efetiva de Língua Portuguesa da Secretaria Estadual de Educação do Pará (SEDUC) e da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Belém (SEMEC).

Dirce Aparecida Kailer

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4387-2066>

Graduada pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), mestre pela Universidade Estadual de Londrina e doutora pela Universidade Estadual Paulista/Araraquara (Unesp), pós-doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente associada B da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Recebido em fevereiro de 2024.

Aprovado em julho de 2024.